

**MIGRAÇÃO E EMBATES IDENTITÁRIOS: UM DIALÓGO ENTRE A TRILOGIA  
TORRESIANA E *UM RIO CHAMADO TEMPO, UMA CASA CHAMADA TERRA DE MIA  
COUTO***

Amanda da Silva (mestranda/UEFS)

*E é o que sinto. Como se a Ilha escapasse de mim, canoa desamarrada na corrente do rio.* (Mia Couto, 2005)

A literatura africana de língua portuguesa tem tido um destaque notável nas pesquisas acadêmicas nos últimos anos, devido ao expressivo número de publicações de escritores desses países – Angola, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe. Estes cinco países têm uma história de libertação do sistema colonial recente, conquistaram suas independências após o 25 de abril de 1974, que pôs fim os 48 anos de ditadura militar em Portugal.

Neste texto nos ateremos a Moçambique, com o intuito de propiciar um diálogo entre Moçambique e Brasil, por meio da análise do romance *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (2002), de Mia Couto e da trilogia do escritor baiano Antônio Torres: *Essa terra* (1976), *O cachorro e o lobo* (1997) e *Pelo fundo da agulha* (2006). Tendo como objeto de análise os protagonistas Mariano e Totonhim, respectivamente, ambos sujeitos da diáspora, com foco de análise nos embates identitários desses personagens ao retornar a terra de origem.

Começemos por situar os protagonistas dos romances como sujeitos históricos excluídos. Mariano, advindo da Ilha de Luar-do-Chão, pertencente a Moçambique, descendente de família negra, vivendo em um país com uma história de descolonização recente, vive a incompreensão desse processo, pois como diz seu avô, o também Mariano, não tem muita coisa de diferente, o poder só mudou de mãos: “Começamos por pensar que são heróis. Em seguida, aceitamos que são patriotas. Mais tarde, que são homens de negócios. Por fim, que não passam de ladrões”. (COUTO, 2003, p. 223).

Já Totonhim, parte do interior da Bahia, do antigo povoado Junco – hoje cidade de Sátiro Dias – para buscar uma melhor condição de vida na cidade mais desenvolvida do Brasil – São Paulo –, já que o sertão, por suas características climáticas e vegetais, como também pelo descaso que recebeu dos governantes do país, é um lugar de vida dura e difícil.

Os romances em questão não tratam de histórias de grandes feitos, nem tão pouco representam a parte abastada desses países, são histórias das margens, de pessoas que vivem nas margens da sociedade. Sabemos que a história de um país era, convencionalmente, conhecida por meio da história oficial, sempre contada e construída por quem detinha o poder, e como tal, sua versão sempre tendia a um “florear” dos acontecimentos, deixando à parte a parcela que não acompanhava o desenvolvimento.

Como disse Foucault:

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 2009, p. 9)

Esses procedimentos dos quais nos fala o autor, seriam os “procedimentos de exclusão”, pois legitimar um determinado discurso, automaticamente, significa negar outros vários, seria uma “verdade mascarada” com o intuito de validar determinadas práticas.

Pois bem, a literatura abriu caminho para que essas macro-histórias fossem questionadas, a partir do momento que passou a trazer como tema de ficção a vida desses que estavam do outro lado da história. As chamadas micro-histórias ganham cada vez mais visibilidade e, por meio delas, aprendemos e compreendemos um pouco mais sobre a sobrevivência desses esquecidos pelas discursividades oficiais, pela falta de efetivação de políticas públicas para melhoria da qualidade de vida dessas pessoas, que é o papel dos governantes. Como bem colocou Elmir (2004. p. 196) “O objeto preferencial da micro-história clama um olhar que se dirija para a borda, que dê conta da “alma” (do aparentemente invisível ou de difícil percepção).”

Sabendo que literatura e história se cruzam a todo instante, mas que cada uma tem seu lugar e não podem ser confundidas, pois

apesar de o mundo real participar na formação dos mundos ficcionais ao proporcionar os modelos da sua estrutura, o mundo ficcional é sempre um conjunto imenso de domínios diversificados que acomodam os mais diversos indivíduos possíveis, assim como estado de coisas, eventos, ações etc. (DOLEZEL, 1988, p. 83 *apud* NOA, 2006, p. 268)

Portanto, não devemos esquecer que o mundo ficcional é uma atividade textual, mesmo sendo dependente, até certo ponto, de múltiplas visões de mundo, individuais ou coletivas, que acabam por legitimá-la como representação.

## 1 IR X VOLTAR: IDENTIDADES EM TRÂNSITO

*Vendo a agonia em Dito Mariano, eu ainda tentara um consolo:*

– *Eu volto, Avô. Esta é a nossa casa.*  
– *Quando voltares, a casa não te reconhecerá – respondeu o Avô.*  
(Mia Couto, 2005)

*Foi só dizer que ia embora para ouvir poucas e boas. Papai se enfureceu. Disse que eu não tinha amor àquela terra, nem eu nem meus irmãos, e por isso a terra nos amaldiçoaria, para todo o sempre.* (Antônio Torres, 1997)

*- A gente está sempre indo e vindo. Essa terra é a nossa sina. O destino dessa terra. Ir e vir, vir e voltar* (Antônio Torres, 1997).

*- Ninguém vive de ida e volta.* (Mia Couto, 2005)

Apesar de se situarem em países e momentos históricos diferentes, os romances desses escritores apresentam semelhança no que concerne a temática abordada, a saber, a relação do indivíduo com sua terra, o local onde supostamente estariam suas raízes. No romance de Mia Couto, o personagem central, Mariano, deixou a ilha de Luar-do-chão para ir estudar na cidade e retorna por ocasião da morte de seu avô – Dito Mariano - de quem recebe a incumbência de cuidar de todas as providências funerárias, além de uma tarefa

nada simples: reestruturar a família e a “casa”, ou seja, voltar às tradições. Já nos romances de Torres, o personagem a que nos atemos é Totonhim, que saiu do Junco aos 20 anos e retorna 20 anos depois por ocasião do aniversário de 80 anos de seu pai – Velho Totonho.

Embora as situações pareçam díspares, a morte aparece nos dois romances como fio condutor da vida dos personagens: Mariano perdeu a mãe quando nasceu e seu pai vivia num estado de ausência que o fez querer sair de Luar – do – Chão para buscar vida em outro lugar, enquanto que a ida de Totonhim para São Paulo foi impulsionada pelo suicídio do irmão mais velho, que havia ido para São Paulo e lá passou 20 anos, voltando ao Junco para consumir sua derrota perante a cidade (e por que não perante o sistema?), e sua incapacidade de retorno ao ponto de partida.

O momento do retorno traz consigo uma nostalgia. É o momento em que os sujeitos refletem sobre sua condição no mundo, pois na diáspora se coloca a própria questão da condição do sujeito no mundo. Muito tem se discutido sobre a diáspora e seus efeitos nos sujeitos que a vivenciam, porém o “retorno” ao lugar de origem também tem suscitado debates, principalmente no que diz respeito ao senso de pertencimento, que passa a ser questionado pelos indivíduos que experimentam o deslocamento e uma suposta ‘perda’ de identidade.

Totonhim chega ao Junco e vai ao encontro do pai, pensa na alegria que vai proporcionar ao Velho Totonho, afinal, ele fora o único que faltara no seu aniversário octogenário, mas agora, mesmo atrasado, também viera:

É assim que o reencontro. Sorrindo de orelha a orelha. Ele abre os braços, corre para o braço:

– Você por aqui? Vai chover.

Diz isso de boca cheia. Calorosamente. O que me faz pensar que passou os últimos vinte anos de sua vida à minha espera.

Só não contava com o que ele iria dizer, a seguir:

– Agora me diga: quem é você? – Sei que é da minha família. Mas não me lembro qual é. Você é algum dos meus netos?

(TORRES, 1997, p. 19)

Depois de vinte anos, nem o pai o reconheceu. E nem ele teve explicação ao ser questionado pela irmã Noêmia do porque dessa ausência:

“– Vinte anos, seu cachorro. Isso é coisa que se faça? Não tem vergonha, não? Vinte anos sem uma única palavra. Por que você fez isso com a gente?” (TORRES, 1997, p. 9).

Totonhim passa apenas um dia no junco, mas é tempo suficiente para fazer um balanço dos anos de sua vida - vinte anos no Junco e vinte anos em São Paulo –, na casa de seu finado avô, onde há vinte anos encontrou o irmão Nelo enforcado no amarrador da rede, agora está ele à janela, divagando:

Olho para este mundo feito de casas simples, lembranças singelas e gente sossegada, tudo e todos sob um céu descampado, e me pergunto se ainda tenho lugar aqui, se conseguiria sobreviver aqui, morar aqui. E me assusto com a pergunta. (TORRES, 1997, p. 46)

Depois de vinte vivendo na megalópole São Paulo, Totonhim não se imagina vivendo nessa vida “calma” do sertão, onde tudo acontece devagar e os hábitos de vida são simples. Observando o que acontece no quintal da casa de seu pai, reconhece como identifica suas raízes na cidade grande,

É agora que me sinto de fato como os pés na terra onde nasci. Nestes vinte anos bem longe deste lugar, bastava ver uma galinha e seus pintinhos ciscando, um galo cantando e um caco de telha num terreno baldio, para me lembrar daqui. (TORRES, 1997, p. 37)

A galinha com os pintinhos e o caco de telha representava uma referência ao Junco, por serem tão comuns no lugar. Já Marianinho, ao chegar para o velório do Avô e ser questionado pela tia pela demora de voltar à Ilha atribui-a ao tempo: “– Por que demoraste tanto? – Não fui eu, tia. Foi o tempo” (COUTO, 2003, p. 29). Ele sente que ali não é seu lugar, sente-se estranho entre seus próprios familiares: “Me olham, em silenciosa curiosidade. Há anos que não visto a Ilha. Vejo que se interrogam: eu, quem sou? Desconhecem-me. Mais do que isso: irreconhecem-me” (COUTO, 2003, p. 29).

A morte de Dito Mariano representa para Marianinho, uma perda ainda maior com suas raízes, visto que o Avô representava para ele uma ligação mais forte com as tradições, e mesmo se sentindo deslocado, orgulhava-se do velho patriarca que representava as raízes mais antigas do lugar

Custa-me vê-lo definitivamente deitado, dói-me pensar que nunca mais o escutarei contando histórias. Ter um avô assim era para mim mais que um parentesco. Era um laço de orgulho nas raízes mais antigas. Ainda que

fosse uma romanteação das minhas origens, mas eu, deslocado que estou dos meus, necessitava dessa ligação como quem carece de um Deus (COUTO, 2003, pp. 43-44)

Ele sente que está perdendo o pouco que ainda o prendia a suas raízes e mais ainda: “com o desaparecimento do velho Mariano, todas as certezas ganhavam barro em seus alicerces. Se adivinhavam o desabar da família, o extinguir da casa, o desvanecer a terra” (COUTO, 2003, p. 147). Mariano vai a igreja com a Avó, conversar com o padre sobre o defunto e no caminho se dá conta da fratura que existe entre ele e a Ilha:

As ruas estão cheias de crianças que voltam da escola. Algumas me olham intensamente. Reconhecem em mim um estranho. E é o que sinto. Como se a Ilha escapasse de mim, canoa desamarrada na corrente do rio. Não fosse a companhia da Avó, o que eu faria naquele momento era perder-me por atalhos, perder-me tanto até estranhar por completo o lugar. (COUTO, 2003, p. 91)

Nesse momento a Avó era o único elo de ligação entre ele e Luar – do – Chão, somente sua presença o fazia lembrar que fazia parte daquele lugar, pois ele já tinha consciência do estranhamento entre ele e a Ilha.

O antropólogo Marc Augé (1994, p. 73) já colocava que, no retorno, o local já não dá qualquer segurança, o lugar de origem não apresenta nenhuma referencialidade. O autor coloca que estes locais passam agora a “lugares de memória”, pois não é possível um retorno ao que se foi.

Stuart Hall argumenta que, no retorno,

Muitos sentem que a “terra” tornou-se irreconhecível. Em contrapartida, são vistos como se os elos naturais e espontâneos que antes possuíam tivessem sido interrompidos por suas experiências diaspóricas. Sentem-se felizes por estar em casa. Mas a história, de alguma forma, interveio irrevogavelmente. (HALL, 2009, p. 27)

Na diáspora o indivíduo passa a conviver com a fragmentação de sua identidade. Hall já afirmou que “a identidade é irrevogavelmente questão histórica”, acreditamos que a identidade seja um constante vir a ser, nunca está pronta e acabada, e quando o indivíduo se lança no desconhecido, a identificação que tinha com seu local de nascimento não é apagada, mas transformada e passa a fazer parte das múltiplas identificações inerentes ao sujeito deslocado, portanto, não se tem identidade, mas identidades.

Contrapondo o termo postulado por Augé<sup>1</sup> dos “não lugares”, Roland Walter (2009, p. 44), apresenta o termo “translugar”, para se referir a encruzilhada diaspórica “por ser construído por diferentes elementos culturais em travessia. Uma travessia de vários e diferentes tipos de encontro: mescla, embate, justaposição, sobreposição e diversos tipos de apropriação”.

É que sente Totonhim vinte anos após a vista a sua terra natal, agora um funcionário público aposentado: “Era outra a cidade, e outro o país, o continente, o mundo deste outro personagem, um homem que já não sabia se ainda tinha sonhos próprios” (TORRES, 2006, p. 7). “Outra cidade” que não era certamente o Junco, lugar de memória; “outro país” que não era o que se imaginou um dia; “outro mundo”, com um modo de vida totalmente diferenciado; enfim o “outro” que reflete ele próprio, que embora seja a “mesma” pessoa, não tem mais a completude do seu ser, pois vive a fragmentação de sua identidade e a incompreensão desse processo.

As culturas em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural. Nessa perspectiva, quando o sujeito se desloca de seu lugar de nascimento, ele perde a “fixidez” que a identidade representava, e para sobreviver será preciso negociar com o Outro, ou seja, como bem ressaltou Glissant (2005, p. 27), a “noção hoje ‘real’, nas culturas cosmopolitas [...] da identidade como rizoma, da identidade não mais como raiz única mas raiz indo ao encontro de outras raízes”.

Segundo Hall:

Em toda parte, estão emergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em transição, entre diferentes posições [...] e que são o produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns num mundo globalizado. [...] Elas [as pessoas] são obrigadas a negociar com novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. (HALL, 2003, p. 88).

---

<sup>1</sup> No livro, *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*, Mar Augé (1994), propõe o termo “Não-lugares”, referindo-se a lugares que não são em si antropológicos.

Quando ocorre o deslocamento, o indivíduo é confrontado com novas identificações locais, pois, ao contrário do que se queria nos diversos projetos de construção da nacionalidade, as culturas nacionais são atravessadas por profundas divisões e diferenciação internas, havendo hoje consenso acerca do fato de que as culturas modernas são mesmo todas culturas híbridas.

Totonhim, ao chegar a São Paulo, expressa sua condição de exilado dentro do espaço-nação quando diz: “Agora cá estava. Sim, com meio caminho andado, entre o passado e o futuro. Ainda não avistara o sinal verde franqueando-lhe a passagem, no viaduto entre os dois tempos” (TORRES, 2006. p. 128).

Sabe-se que, hoje, já não se concebe mais a identidade como algo fixo, fala-se em identidades, num sentido plural. E com o advento do mundo globalizado, esse termo é, certamente, o mais adequado para tentar abarcar todas as transformações que essa mudança trouxe aos indivíduos das sociedades globalizadas.

Um dos traços marcantes nos romances africanos de expressão portuguesa, como é o caso do livro de Mia Couto, é a valorização das tradições. Em *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, o patriarca da família, Mariano, atribui os problemas enfrentados pelos moradores da Ilha de Luar – do – Chão, em especial, pela sua família, aos próprios moradores da Ilha, que não respeitam mais as tradições e levam uma vida fora dos padrões deixados pelos seus ancestrais. Hall (2009, p. 63) postula que:

Assim como ocorre na maioria das diásporas, as tradições variam de acordo com a pessoa, ou mesmo dentro de uma mesma pessoa, e constantemente são revisadas e transformadas em resposta às experiências migratórias.

No romance de Mia Couto, os personagens que residem na Ilha já apresentam um distanciamento das tradições passadas de geração a geração e Mariano, ao voltar da cidade, não traz essa referência consigo e seu avô o incumbe de ir ao encontro delas para que possa salvar a terra e seus habitantes, lembrá-los de que é preciso respeitá-las, caso contrário, pagar-se-á um preço muito alto por isso.

Dito Mariano mostrou-se um exemplo de como a terra se vinga dos homens. Primeiro, ficou num estado de letargia, nem morto, nem vivo, tudo estava preparado para o funeral, mas não se tinha certeza do falecimento do velho. Enquanto Último, um dos filhos de Dito Mariano, queria apressar o enterro:

– Não se sabe, não se sabe – reclama Último. – Mas eu preciso definir a minha vida, tenho coisas a fazer lá na capital, os meus negócios, minhas obrigações políticas.

[...]

– Não podemos ficar aqui uma eternidade à espera que o pai morra de uma vez. Olha, para mim ele já está morto. Sempre esteve morto. (COUTO, 2003, p. 37)

Segundo, quando, finalmente, resolvem enterrar o morto, outra surpresa: a terra se recusava a abrir-se. Não conseguiram cavar em lugar algum do cemitério, no meio da confusão, os irmãos Abstinência e Último discutem:

– Foi sua culpa, Último, você é que traiu os mandamentos da tradição.

– Que mandamentos, porra.

– Encheu-se sozinho lá no governo. Esqueceu a família, Último. (COUTO, 2003, p. 180)

Em meio ao inesperado, os irmãos se deram conta de que a ruptura com a tradição poderia ser a causa do problema. Além da recusa da terra em se abrir, o morto, também, se recusava a ser enterrado antes que o Neto Marianinho cumprisse a incumbência que lhe destinara, e o enterro só aconteceu quando o morto assim o consentiu:

Já passou o meu momento. Você está aqui, a casa está sossegada, a família está aprontada. Já me despedi de mim, nem eu me preciso. Vai ver que, agora, se vão desamarrar as águas, lá no alto das nuvens. Vai ver mais com a terra se voltará a abrir, oferecida como um ventre onde tudo nasce. Já sou um falecido inteiro, sem peso de mentira, sem culpa de falsidade. (COUTO, 2003, p. 238)

A preparação do “falecido” para o enterro aparece de maneira mítica, mas ela é importante para que a terra o aceite no seu ventre. A terra é soberana ela decide quem quer e quando quer. Essa recusa da terra em se abrir pode ser interpretada como uma analogia ao “despertamento” que o deslocamento propicia nos indivíduos. Se as pessoas podem ir e vir quando quiserem, a terra também pode fazer suas escolhas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é uma tarefa simples tratar de deslocamento/migração, seja entre países, seja dentro do próprio estado-nação, pelo fato de ser um ato quase sempre forçado, hoje não mais pela busca de exílios políticos ou por fuga de guerras, mas por busca de condições financeiras melhores, fuga de fome e de condições adversas várias.

Os protagonistas dos romances vivem no *limen*, entre-espço, entre passado, presente e futuro. O deslocamento já é propício ao desligamento parcial com as raízes, ainda mais quando não há um contato constante do indivíduo com a terra natal. Mariano e Totonhim deixaram suas raízes e “esqueceram-se” delas. O primeiro passou muito tempo longe, o segundo, passou vinte anos sem “uma única notícia”, dessa forma, acaba sendo até natural o estranhamento que estes têm quando retornam ao lugar.

As recordações não os deixam, mas esse distanciamento territorial e afetivo acaba por proporcionar as inúmeras interrogações a cerca de quem se é e qual é seu lugar no mundo. Os choques culturais são inevitáveis, os laços terão que ser construídos, tanto cultural, quanto afetivos, empregatícios etc. O que requer tempo, tempo no qual se pensará no que ficou para trás e daí resultará na fragmentação, pois não conseguem a assimilação completa no novo lugar, nem se desprendem dos vínculos do lugar de onde vieram.

A sabedoria do velho Mariano já prevenira o neto do que aconteceria: “quem parte de um lugar tão pequeno, mesmo que volte, nunca retorna” (COUTO, 2003, p. 45). Voltar não se constitui um problema, visto ser apenas uma questão de deslocamento territorial, a dificuldade está em se sentir pertencente, novamente, ao lugar de onde saiu, o que sabemos ser a grande questão.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papyrus, 1994.

COUTO, Mia. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada Terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

ELMIR, Cláudio Pereira. *O que a micro-história tem a nos dizer sobre o regional e o local?* (Comentários a Núncia Constantino, Regina Weber e Sandra Pesavento). HISTÓRIA UNISINOS Vol. 8 Nº 10 JUL/DEZ, p. 191-205. Disponível em: [http://www.unisinos.br/publicacoes\\_cientificas/images/stories/sumario\\_historia/vol10n8/19historian10vol8\\_artigo13.pdf](http://www.unisinos.br/publicacoes_cientificas/images/stories/sumario_historia/vol10n8/19historian10vol8_artigo13.pdf). Acesso: janeiro de 2010.

NOA, Francisco. Modos de fazer mundos na actual ficção moçambicana. In: CHAVES, Rita e MACEDO, Tânia (org.) *Marcas da diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa*. São Paulo: Alameda, 2006.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 19.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Trad. de Elnice do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Ed. da UFJF, 2005.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Thomaz Tadeu da Silva. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. 1.ed. atualizada. Trad. Adelaine La Gaurdia Resende et. al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

TORRES, Antônio. *Essa terra*. 15. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

TORRES, Antônio. *O cachorro e o lobo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

TORRES, Antônio. *Pelo fundo da agulha*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

WALTER, Roland. *Afro-América: diálogos literários na diáspora negra das Américas*. Recife: Bagaço, 2009.